
PROCESSO AVALIATIVO DE FORMA CONTÍNUA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DE EJA

Luana Oliveira da Silva

luoliveira182010@gmail.com

Maria do Livramento Silva

livrasilva@hotmail.com

Zuleide Maria de A. S. Guimarães

Prof^ª. Msc. Do Instituto de
Educação de Assistência Aos Cegos
do Nordeste – Orientadora

zuleidearruda@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O Intuito deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre uma pesquisa qualitativa realizada numa escola pública do município de Boqueirão-PB, no ano de 2010.

O tema Avaliação Escolar foi escolhido por nós por ser um assunto polêmico e complexo, pois os educadores de hoje têm enfrentado diversos problemas no desenvolvimento do seu trabalho: tratar seu objeto de trabalho e seu público adequadamente, quer dizer, se relacionar com eles conforme os novos conceitos das relações sociais, entenderem as múltiplas dimensões do exercício da cidadania e até que ponto a avaliação escolar pode afetar a vida escolar e social dos educandos.

Percebe-se que existe um crescente descontentamento por parte dos alunos no que se refere às diferentes concepções de avaliação e dos critérios de avaliação do rendimento escolar adotados pelas escolas e pelos professores, afastando-os da instituição escolar e da sociedade.

Pensar a avaliação de forma a superar sua visão estática e classificatória significa pensar no processo ensino-aprendizagem como um todo, fazê-lo trabalhar a favor da permanência do aluno no sistema de ensino, buscando uma aprendizagem efetiva e significativa (CANEN, 1999).

Nosso objetivo é oferecer aos professores uma reflexão problematizadora sobre a sua prática e as técnicas de avaliação usadas por eles, ajudando-os a compreender que a avaliação assume um papel fundamental na vida dos educandos, e que a mesma deve

apoiar-se na reflexão do professor através da prática docente em sala de aula. É importante que o professor utilize uma avaliação contínua, que se faz durante todo o processo de ensino.

Nesse contexto, esse trabalho discute a importância da avaliação contínua e a adequação dos instrumentos utilizados nesse tipo de avaliação com vistas à inclusão e permanência do aluno de EJA na escola.

Para discutir essa problemática, foram realizadas entrevistas com duas professoras, aqui denominadas de professora “A” e professora “B” do segundo segmento da EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental Euflaudizia Rodrigues, situada à Rua Ivanilda Rodrigues Chagas, nº 62, no município de Boqueirão-Pb. Às entrevistadas foram dirigidas perguntas como: Que concepção de avaliação você adota? Quais instrumentos de avaliação você utiliza?

Ao analisarmos os dados e compararmos com a revisão bibliográfica percebemos o quanto as avaliações realizadas pelos professores estão em discordância com a prática sugerida na legislação e nas Diretrizes Curriculares para a EJA, pois os dados analisados mostraram que os professores se contradisseram no momento da avaliação quando não adequaram os instrumentos à concepção adotada.

Para subsidiar nosso trabalho e discutirmos essas questões, nos respaldamos nas teorias de aprendizagem e avaliação de HOFFMANN (2001), FREIRE (1996), LUCKESI (1995), PERRENOUD (1999), CANEN (1999) e BRASIL (2006), entre outros.

O Processo Histórico da Avaliação

Neste novo século perdura ainda o modelo de avaliação do século 16 que foi sistematizado na época da emergência da burguesia e da sociedade moderna, percebemos assim, que a história da avaliação se mistura com nossa história de colonização.

A avaliação como sinônimo de provas e exames é uma herança trazida ao Brasil pelos jesuítas (Século XVI), que tinham uma atenção especial com o ritual das provas e exames. Eram solenes essas ocasiões, tanto pela constituição das bancas examinadoras e procedimentos de exames, quanto pela comunicação pública dos resultados.

Começamos a falar de avaliação da aprendizagem entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Antes, somente falávamos em exames escolares. A LDB 4.024/61 ainda contém um capítulo sobre os exames escolares e a Lei 5.692/71 redefiniu o sistema de ensino no país, usado o termo “aferição do aproveitamento escolar”, mas ainda não se falou em “avaliação”. Somente a LDB 9.394/96 se serviu desse termo no corpo legislativo. A legislação conseguiu assimilar as novas propostas, porém nossa prática escolar está muito longe de conseguir isso. Em nossas escolas públicas e particulares, bem como nas nossas diversas modalidades e níveis de ensino, praticamos muito mais exames escolares (classificatório e seletivo) do que avaliação da aprendizagem (diagnóstica e inclusiva).

Avaliação Contínua: Desafios de uma prática transformadora

O tema avaliação é muito amplo. Existem vários tipos de avaliação e várias formas de avaliar. Pode-se avaliar o Projeto Político da Escola, avaliar a Escola como instituição pública, avaliar a proposta de Planejamento do Ensino, a organização do tempo e do espaço no cotidiano escolar, a participação dos pais e da comunidade na vida da escola, dentre diversos outros temas. No Planejamento de Ensino, um dos componentes indispensáveis é a avaliação do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação permeia todo o processo educativo e é unânime entre os educadores a opinião de que a avaliação é a etapa mais difícil do processo ensino-aprendizagem.

A avaliação não deve se restringir a julgar o sucesso ou o fracasso do aluno, deve ser compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno (PCNs). A avaliação contínua é a permanente observação dos processos de aprendizagem vividos pelos alunos, seja o grupo que compõe a classe, seja cada aluno em particular.

A LDB 9.394/96 diz que na avaliação da aprendizagem devem prevalecer os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e o dos resultados ao longo do período sobre os das provas finais. Isto nos leva a deduzir o óbvio: que a avaliação deve priorizar o processo contínuo de avaliação e não o sistema classificatório/somatório, prática tão comum nas salas de aula de todo o país.

Esse sem dúvida é um grande desafio, visto que, em nossas escolas predomina a prática de avaliação classificatória. Uma avaliação feita com o propósito de selecionar quem vai “bem” e quem vai “mal”. Esse tipo de avaliação ainda encontra muitos defensores na educação básica, argumentando que as universidades e escolas de ensino superior selecionam seus alunos por meio dela. Na verdade, a avaliação classificatória continua existindo porque existe essa brecha na lei que permite a existência da avaliação quantitativa. Os novos tempos exigem que o educador avalie de maneira mais abrangente, buscando novas concepções de avaliação e novas metodologias que ampliem horizontes e auxiliem na autonomia, na criatividade e na cidadania dos indivíduos em formação. A avaliação deve ser diagnóstica e contínua em todos os níveis da vida do ser humano, independente de sua formação, de sua condição social e/ou da atividade que este ser humano desenvolve, para que haja no indivíduo a transformação e a aquisição do conhecimento, do saber para a superação dos erros, para esclarecimento das dúvidas, para possibilitar e oportunizar aos indivíduos em formação a confrontação com o real e para torná-los mais capazes de atender as demandas e atuar numa sociedade tomada pelas. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação - NTICs.

Esta nova era propõe que a escola e seus educadores repensem o conceito de que ensinar é “transmitir conhecimentos” e, que repensem também o conceito de avaliação, pois neste contexto, Rodrigues (1985) relata que a escola quando avalia seus educandos, avalia o cumprimento de sua tarefa recuperando as deficiências e, avaliando a aprendizagem dos educandos, ela avalia sua capacidade como escola e as competências pedagógicas do seu corpo docente. Por essa razão ela é tão complexa e temida pelos professores, pois ao avaliar a aprendizagem dos alunos o professor está sendo avaliado em sua prática pedagógica e na eficiência de suas competências. Caso o aluno não atinja as metas esperadas não foi apenas ele que fracassou, o professor também fracassou, pois se o objetivo do ensino é a aprendizagem e não houve avanço no processo de ensino e aprendizagem, então fracassou a escola e o professor. Esse resultado leva a questionamentos e reflexões sobre a eficácia do ensino que se está oferecendo aos nossos alunos. É verdade que existem muitos fatores que podem contribuir para a progressão ou não do aluno para a série seguinte, tais como: as políticas públicas, aspectos econômicos, sociais, culturais, familiar, de saúde, entre outros.

Avaliação Contínua em EJA: Respeito à diversidade

Na EJA, muitas vezes a avaliação tem seu começo na formação das turmas. Todos os anos chegam à escola alunos e alunas em diferentes níveis de escolaridade. Nem sempre é fácil definir qual a série ou etapa mais adequada para cada um deles. Muitos trazem no histórico escolar uma escolaridade que o passar do tempo em grande parte já apagou de suas memórias. Cada um trazendo em sua bagagem uma história de vida de desilusões, de sofrimento, de luta pela sobrevivência e a de sua família, muitas vezes precária, e creditam não saber quase nada. O que não corresponde à realidade. Outros não foram à escola, mas tiveram parente ou amigo que desempenhou junto a eles, o papel de professor. Geralmente as escolas encontram na avaliação a resposta para solucionar essas questões. Tais questões são, em suma, resolvidas utilizando testes para conhecer o nível de escolaridade, entrevistas com o objetivo de avaliar os conhecimentos considerados básicos, como: ler, escrever e contar, entre outras formas, ou simplesmente formando uma única classe com todos os candidatos.

ANÁLISE DOS DADOS

Ao analisarmos os dados pesquisados, procuramos descobrir a importância da avaliação contínua e a adequação dos instrumentos utilizados nesse tipo de avaliação com vistas à inclusão e permanência do aluno de EJA na escola. Para discutir essa problemática, foram realizadas entrevistas com duas professoras, aqui denominadas de professora “A” e professora “B” do segundo segmento. Às entrevistadas foram dirigidas perguntas como: Que concepção de avaliação você adota? Quais instrumentos de avaliação você utiliza? Dentre os instrumentos utilizados para a coleta dos dados optamos pela técnica de interrogação: a entrevista. Compreendida aqui como “um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisador” GIL (2002, p.14), e escolhida como um meio rápido de obtenção de informação. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa a partir dos conteúdos obtidos, e em alguns momentos também interpretados buscando-se ligação entre os resultados e alguns fundamentos teóricos.

Observou-se, então, que a professora A é graduada em Língua Portuguesa e Especialista em Língua Espanhola, e atua no magistério há oito anos, estando na EJA apenas há um ano. Os instrumentos avaliativos utilizados pela professora são: atividades em sala, extraclasse, produções textuais, participação em discussões e prova. É preciso lembrar que o termo “prova” é bastante temido pelos alunos, tanto da EJA, quanto de qualquer outro nível ou modalidade de ensino, pois causa pânico entre eles, e dependendo de como ela seja aplicada e dos resultados obtidos, poderá até ocorrer à desistência dos mesmos. O professor pode usar outros meios para avaliar os alunos como exercícios de verificação da aprendizagem ou outro instrumento de avaliação. A palavra prova é muito forte e às vezes os alunos se sentem incapazes de realizar uma atividade mais complexa.

De acordo com as questões apresentadas às entrevistadas, destacamos duas:

Na primeira pergunta: Qual a concepção entendida da avaliação quantitativa? A professora A respondeu: “È quando se quer obter uma nota numérica sem observar outros fatores” e a professora B: “É aquela que mede o conhecimento do aluno”.

Na segunda pergunta: Qual a concepção entendida da avaliação qualitativa? A professora A respondeu o seguinte: “A avaliação qualitativa é aquela que observa todo o conhecimento do aluno, que exprime ou determina a qualidade.” A professora B respondeu que: “Quando a avaliação é feita em uma perspectiva onde todo o conhecimento do aluno é considerado”.

Em seguida, analisamos se estas concepções estão de acordo com os instrumentos por elas utilizados no momento de avaliação. E, se o conhecimento do senso comum, que o aluno de EJA já tem, na avaliação, é considerado. As descrições e interpretações serão construídas a partir das respostas dadas pelas professoras, lembrando ainda que a nossa intenção não é mostrar a avaliação como sendo “eficaz” ou “deficiente”. Nossa intenção aqui é mostrar que as professoras entram em contradição no momento da avaliação, quando não adéquam os instrumentos á concepção adotada.

De acordo com Belloni(2007), as informações qualitativas resultam de procedimentos vinculados á observação e organização dos fenômenos ou fatos, derivados de observação direta e de análise documental. Porém, uma das dificuldades encontradas pela educadora na prática avaliativa na EJA, é a falta de interesse que

alguns alunos expressam ter em relação aos estudos. Ao refletirmos sobre este desafio com colegas, professores e especialistas no assunto, percebemos que nossa auto-estima deve estar sempre fortalecida para podermos enfrentar os problemas com criatividade e assim, obtermos sucesso. O educador precisa enxergar os pontos fracos e fortes de cada aluno, para poder ajudá-lo a caminhar no mundo do conhecimento.

A segunda entrevistada, que chamaremos de professora B, é graduada em pedagogia (leciona a disciplina de ciências no 2º segmento). O seu tempo de atuação no magistério é de vinte anos e sua experiência na EJA é de cinco anos. Esta diz que “a avaliação na EJA serve para o professor observar a interação do aluno e sua presença no dia-a-dia em sala de aula, só identificando os conhecimentos que o aluno já trás consigo é que podemos ajudá-lo a construir outros saberes para sua vida escolar”. Quanto aos instrumentos avaliativos utilizados por ela são a assiduidade do aluno e sua socialização em sala, entre outros. Mas a mesma não especificou as atividades que ela utiliza para avaliar seus alunos.

Segundo a professora B, o conhecimento que o aluno de EJA já tem (do senso comum), é muito importante e deve ser considerado na avaliação (BRASIL, 2006), diz que o conhecimento repercute na vida de quem aprende, alterando sua forma de agir e conduzir suas ações. Fica claro, aqui, que o conhecimento que cada um traz como sendo peculiar a cada um, altera sua forma de construir seu próprio conhecimento. A professora A, frisa que: “A avaliação qualitativa é aquela que observa todo o conhecimento do aluno”

Acreditamos que a avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucesso ou fracasso do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. A avaliação precisa ser contínua e mediadora de acordo com o desenvolvimento do aluno e diária e contínua através da observação constante do aluno pelo professor, para assim detectar o modo como está se processando a aprendizagem e respeitar o ritmo individual de cada aluno.

Portanto, a avaliação da aprendizagem só pode acontecer se for relacionada com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar. O verdadeiro educador atua numa linha de educação problematizadora ou

conscientizadora, visando ajudar a superar a relação opressor-oprimido (Freire). Professor e aluno são, portanto, sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque, nas palavras de Freire “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Sabemos que na educação de jovens e adultos é preciso utilizar instrumentos de avaliação diversificados, havendo uma necessidade de estabelecer uma abordagem pedagógica, incluído conteúdos, metodologias, organização e processos de avaliação diferenciados daqueles dos alunos que estão no ensino regular e na idade apropriada, porém, analisando os dados empíricos coletados embasando-se nas teorias apresentadas e somados à concepção que os professores têm sobre a avaliação, percebemos que estes, no momento de avaliar seus alunos, utilizam uma metodologia tradicional que não favorece uma aprendizagem significativa para os mesmos.

Diante do exposto pelas professoras, é possível afirmar que avaliar ainda é uma das tarefas mais difíceis da prática docente uma vez que, nos parece ser “fácil” internalizar os novos conceitos sobre avaliação que surgem a cada dia com as novas teorias, difícil mesmo é conseguir fazer a transposição didática dessas teorias e colocá-las em prática usando tais modelos inovadores de avaliação, sem deixar pra trás seu verdadeiro intuito: utilizá-los a favor da aprendizagem dos alunos e do próprio professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou discutir as práticas de avaliação utilizadas pelas professoras da EJA. Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica com professores da área e, em seguida, uma pesquisa qualitativa. Para a coleta de dados utilizamos questionários contendo questões objetivas aplicadas a professores do segundo segmento (6º e 7º ano) da EJA sobre a importância de avaliação e aos instrumentos utilizados pelos mesmos.

Partindo da análise dos dados em consonância com as teorias apresentadas, pudemos perceber que o processo de avaliação desenvolvido nas escolas é ainda muito tradicional, priorizado a prova como um meio de avaliar os conhecimentos adquiridos

pelos alunos. Sabemos que este é um assunto bastante polêmico e que, embora se tenha discutido bastante sobre ele, ainda existe um longo caminho a ser trilhado para que de fato a avaliação qualitativa ocorra. Os dados analisados mostraram que os professores se contradizem no momento da avaliação quando não adéquam os instrumentos à concepção adotada. É importante que o professor utilize uma avaliação contínua, que se faz durante todo o processo de ensino, nosso objetivo é oferecer aos professores uma reflexão, problematizadora sobre a sua prática, e as técnicas de avaliação usados por eles, ajudando-os a compreender a avaliação como um processo contínuo. Porém, compreendemos que a avaliação assume um papel fundamental na vida dos educandos, e que a mesma deve apoiar-se na reflexão do professor através da prática docente em sala de aula

Nesse contexto, a avaliação precisa ser de forma contínua no decorrer do processo de ensino: durante todo o período letivo no desenvolvimento das aulas. Esperamos, então, que os professores consigam colocar a teoria em prática e assim melhorar o processo avaliativo de seus alunos, considerando todos os momentos da avaliação e não apenas o resultado alcançado por eles em uma prova, mas tudo o que foi construído durante o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Isaura. *Metodologia de Avaliação em Políticas Públicas: Uma experiência em educação Profissional*/Isaura Belloni, Heitor de Magalhães, Luzia Costa de Sousa. 4.ed. São Paulo, Cortez, 2007.9 coleção questões da nossa Época, v.75)

BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692 de 11.08.71*, capítulo IV. Ensino Supletivo. Legislação do Ensino Supletivo, MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1974.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 de 20.12.96*, capítulo V. Da Educação Básica. Art. 24. Alínea V. Letra a. MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1996.

_____. *PARECER nº 699/71*. Regulamenta o capítulo IV da Lei 5.692/71. 06 de julho de 1972. Constituição Federal de Educação. Rio de Janeiro.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol. 1, 3 ed. Brasília: MEC /SEF, 2001.

_____. Trabalhando com a Educação de Jovens Adultos. Coletânea. Processo de aprendizagem de alunos e professores da EJA. 1996.

_____.Trabalhando com a Educação de Jovens Adultos. Coletânea. Avaliação e Planejamento. Brasília: 2006.

_____.Trabalhando com a Educação de Jovens Adultos. Coletânea. A sala de Aula como Espaço de Vivência e Aprendizagem. 1996.

CANEN, Ana. Desmistificando a Avaliação. In. BRASIL. MEC. Salto para o Futuro: Educação de Jovens e Adultos. Coletânea. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED. 1999. P. 97 – 107.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola á universidade. Porto Alegre Ed. Mediação 19, 2001.

LUCKESI, Carlos Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens – Entre duas Lógicas. Porto Alegre: Artmed,1999.